

APROXIMAÇÕES DE SI: UMA INTER-RELAÇÃO ENTRE VISUALIDADES AFRO-BRASILEIRAS

Thais Oliveira da Rosa¹
Andreia Machado Oliveira²

Resumo: O presente artigo visa apresentar os principais conceitos e elementos da série *Aproximações de si: visualidades afro-brasileira*, apresentada em 2020-2022, por meio de uma exposição virtual. O estudo trata da cultura afro-brasileira, apresentada por referenciais fotográficos do século XIX, junto a dispositivos fotográficos. Visando entender de que modo (des)cubro-me através dos moldes que a poética evoca em mim, partindo das crises identitárias ao se entender como uma pessoa negra no Brasil. Este estudo se desenvolveu a partir de experimentações com câmeras fotográficas digitais, técnicas expandidas em gravura, tecendo conexões entre processos pessoais e artísticos por meio da busca por (des)cobrir e ressignificar o olhar sobre si a partir da relação com visualidade afro-brasileira. Com isso, a pesquisa permite o confronto entre passado e presente por meio da justaposição de visualidades de fotografias do século XIX e discorre sobre as origens das narrativas afro-brasileiras que contam a história da população negra por outra perspectiva.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Cultura Afro-brasileira; Subjetividade; Dispositivo.

¹ Bacharela em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente é integrante do LABINTER - Laboratório Interdisciplinar Interativo. E-mail: th.rosa76@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0859-9543> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6445365282695520>

² Artista Visual. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria PPGART/UFSM, na Linha de Arte e Tecnologia. Mestra em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais PPGART/UFSM, Linha de pesquisa Arte e Cultura. E-mail: andreiaoliveira.br@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8582-4441> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7243757837987821>

APPROACHES TO THE SELF: AN INTERRELATION AMONG AFRO-BRAZILIAN VIEWS

Abstract: This article aims to present the main concepts and elements of the series *Approximations of the self: Afro-Brazilian visualities*, presented in 2020-2022 through a virtual exhibition. The study deals with Afro-Brazilian culture, presented through photographic references from the 19th century together with photographic devices, aiming to understand how I (dis)discover myself through the molds that poetics evokes in me, starting from identity crises when understanding myself as a Black person in Brazil. This study developed from experiments with digital cameras, expanded techniques in engraving, weaving connections between personal and artistic processes through the search for (dis)covering and giving new meaning to looking at oneself from looking at others. With this, the research allows the confrontation between past and present through the juxtaposition of visuals from photographs from the 19th century and discusses the origins of Afro-Brazilian narratives that tell the history of the Black population from another perspective.

Keywords: Contemporary art; Afro-Brazilian culture; Subjectivity; Device.

Partindo de questões autobiográficas, minha produção artística e acadêmica constrói-se mediante relações e reflexões que permeiam minha vida. Sendo assim, viso trazer essas questões que inicialmente são de uma perspectiva individual para o meio sociocultural e, então, entender como são construídas essas relações e percepções que rodeiam minha experiência como pessoa afrodescendente brasileira. A primeira percepção que sempre esteve presente em minhas relações sociais é a de ser a única ou uma das únicas pessoas negras em ambientes coletivos, como escola, cursos, festas e demais meios sociais. Além de considerar essa questão, percebo agora com mais clareza que, também, existe uma sutil sensação de estranhamento ao compartilhar o mesmo ambiente com uma ou mais pessoas negras, algo que nunca foi comum para mim. Esse estranhamento, dentre outras coisas, aponta para uma sensação que, ao dividir o mesmo espaço com outra pessoa negra, estamos tornando mais evidente que divergimos da maioria, sensação que se assemelha a de compartilhar um segredo.

Essa percepção dá-se, creio eu, pelo constante sentimento de invisibilidade que sempre permeou a minha presença nos ambientes. Seja pela certa passibilidade, por não ser uma pessoa negra de pele retinta e traços tão marcados, seja pelo fato de justamente ser negra e habitar lugares em que, majoritariamente, as pessoas são brancas, logo, essas experiências resultaram nesse sentimento real ou não, de certa invisibilidade. Enxergo, então, uma invisibilidade que atua de modos distintos, ora vista como se eu fosse igual, e ora vista como se diferisse, a oscilação gera um sentimento de que não há um lugar específico para ocupar, restando a margem. Algo muito semelhante ao que a teórica feminista Patricia Hill Collins (2016) define como “*outsider within*”, em português “estrangeiras de dentro”. O status de *outsider* envolve a vivência de mulheres afro-americanas ao trabalharem como domésticas em casas de famílias brancas e ocuparem um lugar muito íntimo no cotidiano dessas famílias. Mesmo com a convivência íntima, essas mulheres sabiam que jamais pertenceriam de fato as famílias, atuando assim como outsider. Esse status para Collins (2016), apesar do racismo que envolve, traz para as mulheres negras, inseridas nesse dilema, capacidades específicas de análises sobre raça, classe e gênero.

Esse status de *outsider within* tem proporcionado às mulheres

afro-americanas um ponto de vista especial quanto ao self, à família e à sociedade. Uma revisão cuidadosa da emergente literatura feminista negra revela que muitas intelectuais negras, especialmente aquelas em contato com sua marginalidade em contextos acadêmicos, exploram esse ponto de vista produzindo análises distintas quanto às questões de raça, classe e gênero. (Collins, 2016, p. 100)

Outro ponto interessante de se analisar sobre o estranhamento e invisibilidade mencionados acima, o colorismo, por exemplo, é uma questão que expõe essas relações de distintos privilégios ou níveis de passibilidades. O conceito de colorismo consiste em uma espécie de pigmentocracia, tende a elaborar e definir alguém pela própria cor da pele, tornando a tonalidade da cor da pele fundamental para o tratamento que receberá pela sociedade, independentemente da sua origem racial (Silva, 2017, p. 3). O que ocorre, além dessa distinção sobre as discriminações e a cor da pele, é o processo de embranquecimento, ou o desejo por ele. Nesse processo de se distanciar de traços e características que identificam uma pessoa negra, está o desejo de suavizar traços como nariz largo, lábios grossos e alisar cabelos cacheados e crespos, tornando esses atributos menos evidentes e uma estética mais próxima da visualidade branca ocidental. Essas relações controversas à aparência física de pessoas negras têm possivelmente sua gênese nos entornos da miscigenação entre brancos, negros e indígenas no Brasil. Esse processo, na grande maioria das vezes violento, é muito explorado na literatura, no cinema e nas artes visuais.

Em minha experiência como pessoa negra, há um certo estranhamento, uma incerteza sobre minha visualidade e sobre onde ela se enquadra em um grupo. Apesar de nunca ter tido dúvidas sobre minha cor, essas incertezas sobre semelhança sempre estiveram presentes, causando um questionamento profundo sobre pertencimento. As dúvidas e os questionamentos sobre pertencimento e a meu contato com a minha negritude foram tomando forma a partir de 2016. Esses questionamentos vieram junto à construção de uma consciência racial que teve seu início e aprofundamento ao compartilhar os mesmos espaços com outras pessoas negras e também pela proximidade a visualidade afro, abordada em minhas obras. Essa certa proximidade, a outras pessoas negras, fez com que eu me questionasse internamente sobre o quanto

me parecia com elas ou em que ponto éramos distintas fisicamente. Por meio de fotos e no reflexo do espelho, buscava analisar a mim mesma e tentar traçar paralelos à visualidade de outras pessoas negras traçando semelhanças e aproximações. Desde o início das minhas produções artísticas, a palavra aproximação permeou as pesquisas e as experimentações. Em dado momento, aprofundei com mais intencionalidade esse termo, estruturando minha poética, e a aproximação tornou-se de modo mais claro a motivação principal da pesquisa e segue desenvolvendo-se em distintas produções artísticas.

As obras que compõem a série *Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras* (2020–2022), exibidas virtualmente³, consistem em um desdobramento de obras anteriores a elas. Apesar de me aprofundar neste artigo sobre as imagens produzidas para o contexto virtual, é importante para o entendimento da poética mencionar a constituição das obras na modalidade que as antecede. A primeira versão das obras tem o espelho como suporte, tendo o reflexo como um dos elementos principais ao carregar a intencionalidade central, a aproximação, projetada através do reflexo e na sua capacidade de interação. Junto do reflexo do espelho as obras carregam, tanto na primeira versão quanto na versão virtual, o conceito de (des)cobrir, onde na primeira versão bidimensional aplica-se tinta preta sobre o suporte, e retira-se a tinta com o auxílio de goivas, “escavando” a tinta sobre o espelho e dando forma aos rostos desenhados.

O conceito (des)cobrir foi se constituindo através da minha poética visual, desde 2016 com o meu ingresso no curso de Artes Visuais (UFSC, 2016-2020) e amadurecido durante o mestrado, também em Artes Visuais (UFSC, 2020-2022). Entre os processos e elementos que constituem minha poética, dois deles sempre estiveram presentes: a tinta preta junto ao ato de cobrir as superfícies. O ato de cobrir as bases com tinta preta desdobra-se como herança do meu processo artístico que iniciou no contato com as técnicas de gravura. Tanto na xilogravura quanto na gravura em metal, onde normalmente usa-se tinta preta, bem como o ato de cobrir as superfícies, cobrindo as matrizes com tinta ou verniz — a qual, também, possui uma cor escura comumente, nas respectivas técnicas.

³ A exposição se encontra ativa na galeria virtual do Centro de convenções da Universidade Federal de Santa Maria. <https://www.ufsm.br/outros-orgaos/cc/galeria-virtual/aproximacoes>. Acesso em nov. 2024.

A cor preta sempre foi parte importante para a construção visual dos meus trabalhos artísticos, justamente por neles retratar pessoas negras e explorar a visualidade e expressão da cor sobre a pele preta. Essa potencialidade da cor em minhas produções possibilitou, a mim, ressignificar o modo como, socialmente, a visão da pele retinta é constituída sob um olhar que constantemente reforça um juízo inferiorizante e negativo. Assim, esse contato com a cor fez-me construir uma visão positiva e, a partir desse processo artístico sobre a pele negra, enxergar a beleza na diversidade de tons — incluindo o meu. (Des)cobrir dentro de minha poética desenvolve o duplo significado que a palavra carrega, tanto o ato de tirar o que cobre, abrir, destampar, quanto o de encontrar o que não era conhecido, avistar, revelar.

Ao cobrir as superfícies das obras com tinta, construí uma superfície em camadas. Essas camadas de tinta que cobrem por completo o espelho, na primeira versão das obras que discorro aqui, desenvolvem conceitualmente a ideia de ocultamento por cobrir e impossibilitar o reflexo, que imprime toda visualidade que o preenche. Poeticamente, relaciono esse ocultamento à minha relação distante com a história e cultura afro-brasileira, que ocorreu em boa parte da minha vida morando em uma cidade pequena do Rio Grande do Sul, onde qualquer discurso, debate ou visualidade sobre a população negra era praticamente inexistente.

Opto por utilizar a palavra ocultamento para afirmar que, apesar da forte tentativa de apagar a história e a cultura afro-brasileira, essas sempre resistiram, principalmente nas manifestações culturais, na arte, na dança e nas religiões que seguem sendo cultivadas. Entendo poeticamente o resultado desse distanciamento, como um acúmulo de camadas na minha personalidade e identidade, onde fui me ocultando para não ser vista, seja como diferente ou simplesmente como sou, como se existisse um segredo ou problema. Após perceber essas camadas e a causa, ou seja, tornar conscientes essas questões, foi possível ressignificá-las. A cor preta atuou como possibilidade de ressignificar a visualidade afro, paralelamente ao entendimento da cor como camada negativa, tais formas de entender a cor preta se reconfiguraram à medida que uma foi percebendo a outra.

O processo seguinte a cobrir o espelho com tinta é o de “entalhar” as figuras, usando como referências fotografias de pessoas negras retratadas no

século XIX (Figuras 1 e 2). Possibilitar se ver através do reflexo entre os traços que formam essas figuras é uma forma de dar luz a minha visualidade, meus traços, minhas subjetividades enquanto pessoa negra, me vendo por meio de meus ancestrais. (Des)cobrir assim, não só as camadas que aderiram à minha personalidade e subjetividade, moldando como eu me via, mas, também, (des)cobrir o distanciamento da história e cultura afro-brasileira que permitia a aderência do olhar externo sobre mim.

Figuras 1 e 2 - Processo de constituição da primeira versão da série *Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras*



Fonte: Acervo pessoal

Na versão virtual (Figura 3), utilizo fotografias das obras bidimensionais como base, editando-as digitalmente. O processo inclui recortar e aplicar transparências em programas de edição de imagens, substituindo o reflexo do espelho presente na primeira versão por transparências. Essa alteração permite a interação com uma câmera programada em JavaScript, integrada a HTML e CSS. Assim, as obras são transformadas em imagens digitais, adaptando-se ao

dispositivo do interator (como celulares e computadores) e conectando-se às câmeras desses dispositivos.

Figura 3 - *Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras*



Fonte: Acervo pessoal

Figura 4 - *Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras*



Fonte: Acervo pessoal

Dessa maneira, unindo as obras aos dispositivos, é possível desenvolver o conceito de aproximação em um contexto virtual e expandi-lo. O que proponho com essas obras, além da aproximação, é, também, um confronto entre visualidades, acessado através do reflexo da câmera do dispositivo, no qual o interator tem uma confrontação consigo por meio do vazio que existe entre a composição das figuras moldadas nas obras. Cria-se uma inter-relação em que uma imagem está inserida na outra, colocando o público, também, na posição de elemento pertencente à obra. Essa inter-relação se desenvolve não só com quem interage com as obras, mas com o meio ao qual ela é submetida, fazendo tanto a relação entre pessoas, mas, também, com o presente. Nessa inter-relação, o confronto consigo se relaciona à minha experiência como mulher negra de investigar-me visualmente frente ao espelho, por autorretratos ou mesmo frente à câmera do celular, no intuito de encontrar semelhanças e diferenças com outras pessoas negras, na busca pelo pertencimento. Nas obras, essas comparações e análises referem-se aos indivíduos figurados e (des)cobertos, através dos vazios preenchidos pela interferência do dispositivo.

Os indivíduos presentes nas obras são pessoas negras retratadas em uma série de fotografias no século XIX, sob a autoria de Alberto Hanschel, fotógrafo alemão que residia no Brasil. A série, chamada de *carte de visite* ou “tipos negros”, expressa uma diversidade étnica com uma composição fotográfica que imprime certo caráter etnográfico.

Essas fotografias, apesar de carregarem o olhar colonizado sobre elas, devido ao contexto em que foram retratadas, trazem a visualidade de pessoas negras com humanidade. São retratos que nos permitem explorar no imaginário quem eram aquelas pessoas, quais aspectos das suas personalidades e, principalmente, como se conectar com imagens de pessoas negras, pertencentes a um período historicamente tão significativo para o Brasil, sem estar apresentadas pelo viés da dor e da violência, comum em imagens de escravizados no país.

Na série *Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras* exposta virtualmente, utilizo essas imagens como referência para propor uma aproximação através do estreitamento da relação obra-público. A intenção, ao contrário das fotografias originais do século XIX, tem a finalidade de encontrar

semelhanças, criar reflexões na relação entre passado e presente. Um dos principais pontos na minha poética é buscar essa relação com a visualidade e de enxergar minhas subjetividades pertencentes a um grupo, essa noção de que a população afro-brasileira é diversa e plural faz parte dos meus objetivos enquanto artista. Entender as minhas subjetividades como adequadas e capazes de pertencer dentro desse grupo ao qual me inclui identitariamente foi e ainda é um desafio.

A busca pelo pertencimento tem raiz não só no distanciamento da cultura e história afro-brasileira ou na falta de contato com outras pessoas negras, mas, também, na forma como pessoas negras são apresentadas na mídia, nas histórias e em posição de poder. Um dos aspectos dessas representações distorcidas é a falta de pluralidade e diversidade em relação à população negra. A representatividade, questão muito importante, com a qual se busca a difusão da representação de pessoas negras em locais de destaque ou poder, carrega um ponto que cabe certa reflexão. É possível uma única pessoa representar um grupo tão vasto e diverso? Certamente, não. Tendo isso em mente, é importante demarcar para além da representação única a pluralidade da população negra, seja em subjetividades, visualidades, mas em vivências, pois, nem toda pessoa negra carrega a mesma história, temos direito a narrativas plurais, interesses e personalidades diversas.

Grada Kilomba, multiartista e escritora portuguesa, em seu livro *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano* (2019), apresenta o conceito de tornar-se, e propõe que ao escrever, se torna a autora e autoridade da sua própria história. “Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (Kilomba, 2019, p. 28). Indo na direção contrária ao olhar externo e a narrativas universalizantes. Na sequência de seu livro, Kilomba aborda dois conceitos da autora estadunidense bell hooks:

[...] sujeitos são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (hooks, 1989, p. 42). Como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos” (hooks, 1989, p. 42). (Kilomba, 2019, p. 28)

Dentro dessa lógica, as pessoas negras ocupam o lugar de objeto, Grada Kilomba destaca o seu lugar, enquanto escritora, como um ato de oposição a essa visão, afirmando que a escrita a coloca em oposição a esse lugar de “outridade” e a coloca na posição de inverter a nós mesmos de (modo) novo. (*Ibidem*, p. 28).

Ao desenvolver uma poética visual, onde atuo como artista e pesquisadora que escreve sobre seu processo e questões inseridas nas suas obras, me coloco, também, em oposição à outridade, redefino meu lugar e tomo posse da visão que tenho sobre mim. Como artista, cada escolha que faço também é permeada pelo desejo de redefinir, inverter, questionar e ressignificar. Ao escolher usar como referência imagens do século XIX, e colocá-las junto a dispositivos capazes de gerar uma interação, proponho inverter de alguma forma a posição que aquelas pessoas retratadas já ocuparam e/ou ainda ocupam na visão de alguns. Utilizar essas imagens de pessoas retratadas em um contexto etnográfico e até exploratório é bastante delicado, mas ainda assim necessário. É importante difundir essas imagens, torná-las mais acessíveis para que elas ocupem o imaginário e construam subjetividade, que foram negadas a sua época.

Os processos de subjetivação por meio de dispositivos são discutidos no pensamento do filósofo Giorgio Agamben. Ao apresentar as definições do conceito de dispositivo dentro do seu pensamento, Agamben (2005), primeiramente, propõe uma divisão em dois grupos ou em duas grandes classes; os seres vivos e o dispositivo. Os seres vivos, para Agamben, são continuamente capturados pelos dispositivos, esses ele define da seguinte forma:

[...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. [...], mas também a caneta, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e — por que não — a própria linguagem [...]. (Agamben, 2005, p. 40-41)

O uso dos dispositivos atribui à pesquisa a criação de subjetividades aos processos e à interação com as obras, e também questiona o uso da tecnologia

por dispositivos móveis e computadores junto a arte. Agamben (2005) ressalta que os processos que os dispositivos desenvolvem têm o caráter de moldar e ordenar as relações e as vidas desses sujeitos. Sendo assim, a medida em que proponho esses moldes, por meio dos dispositivos, também sou moldada simultaneamente, o que aponta para o caráter íntimo que a poética tem, partindo de questões pessoais e indo ao encontro de relações socioculturais.

A utilização de dispositivos é algo presente tanto nas obras mencionadas aqui como nas fotografias que uso como referenciais, entretanto, ambas estão separadas por um longo período entre suas criações, assim como as motivações que as rodeiam. Nas imagens do século XIX, a fotografia apresenta-se pelo olhar colonizado do fotógrafo, um olhar que busca catalogar, investigar, captar as diferenças e explorar as visualidades daquelas pessoas como algo fora da norma, tratando as diferenças como particularidades exóticas. A fotografia, nesse contexto, desenvolve a função de tratar a diferença como uma condição inferior, primitiva e distante. Já nas obras que discorro neste artigo (Figura 5 e 6), o dispositivo é usado em um sentido que seja possível captar tanto a diferença como a semelhança, porém muito mais a semelhança aos traços e às feições que compartilhamos em certo nível de similaridade e que nos une, apesar do tempo. Sobre a utilização de dispositivos, Agamben ressalta:

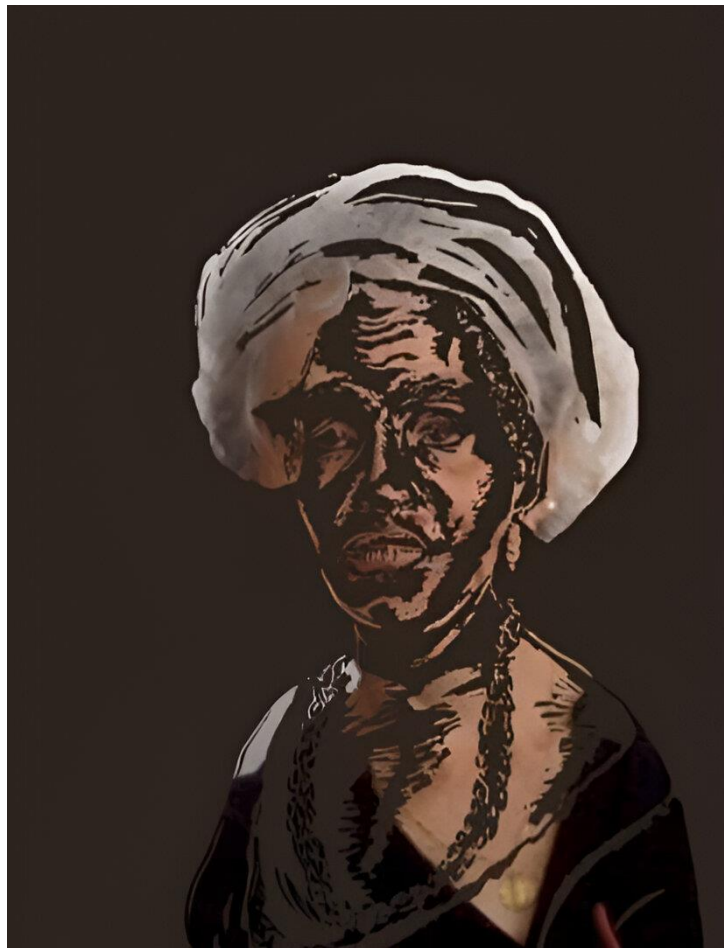
[...] a estratégia que devemos adotar no nosso corpo a corpo com os dispositivos não podem ser simples, já que se trata de libertar o que foi capturado e separado por meio de dispositivos e restituí-los a um possível uso comum. (Agamben, 2005, p. 14)

Podemos aqui fazer uma relação com o poder exercido pelos dispositivos tanto nas obras apresentadas de minha autoria quanto nas fotografias do século XIX. Contudo, esse uso comum não seria o ideal, mas, sim, a profanação, restituir o uso de modo lúdico e revolucionário. O conceito de profanação, pelo autor, é oriundo do direito e da religião romana, que considerava sagrado tudo o que, de algum modo, pertenciam aos deuses: algo celestial e de uso restrito. Sendo sagrado o que não tinha contato com a esfera humana, o profano era tudo o que tinha uso comum aos homens e às mulheres. “Profano”, podia escrever assim o grande jurista Trebazio, “diz-se, em sentido próprio, daquilo que, de

sagrado ou religioso que era, é restituído ao uso e a propriedade dos homens” (Agamben, 2005, p. 14).

O ato de profanar os dispositivos possibilita que os indivíduos não mais sejam configurados de maneira preestabelecida, abrindo oportunidades de se criar maneiras de usá-los. O uso lúdico dos dispositivos está correlacionado à profanação, ao propor esse tipo de abordagem estamos profanando e, ao profanar, estamos criando uma abertura para possibilidades lúdicas de uso. “O lúdico vive na regra, mas não se submete totalmente a ela, pois sempre é possível fazer dela um revolucionário uso novo” (Baptista, 2014, p. 20).

Figura 5 - Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras



Fonte: Acervo pessoal

Figura 6 - Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras



Fonte: Acervo pessoal

Ao propor, em minhas obras, que o observador confronte e se interrelacione com as obras, promovendo uma aproximação oposta ao olhar distante e de exploração que as fotografias referenciais imprimem, busco a humanização daquelas figuras, desdobrando o olhar sobre elas e discorrendo sobre suas existências. Por meio de uma interação com quem as confronta, é quase inegável que não haja um questionamento sobre a origem daquelas pessoas, e,

principalmente, um olhar que busca se unir junto a elas com o efeito da câmera dos dispositivos. A interação, como elemento nessas obras, expõe a maneira como a poética é evocada em mim, a maneira como a pesquisa constitui-se em mim como artista e pessoa num processo constante de criação de subjetividades, de troca e de conexão entre as partes. Dessa maneira, possibilita-se retornar ao presente, por intermédio de subjetividades das pessoas retratadas e que existiram no passado, e propor uma aproximação entre esses indivíduos separados por épocas distintas. Abordar essas figuras, que constituíram a cultura afro-brasileira em um tempo diferente do que vivemos, faz com que tomemos consciência de que elas ainda dialogam com a contemporaneidade, que as suas lutas ainda permanecem presentes na sociedade, apesar de muitas conquistas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo. **Outra travessia Revista de Literatura**. Ilha de Santa Catarina, n. 5. p. 9-16. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>. Acesso em: 4 dez. 2024.

BAPTISTA, Mauro Rocha. A profanação dos dispositivos em Giorgio Agamben. **Estação Literária**, [S. l.], v. 13, p. 10–23, 2014. DOI: 10.5433/el.2014v13.e26000. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/26000>. Acesso em: 4 dez. 2024.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081>. Acesso em: 4 dez. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

SILVA, T. M. G. S. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Debate Virtual**, UNIFACS, v. 201, p. 1-19, 2017. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760>. Acesso em dez. 2024.

Recebido: 27/05/2024
Aceito: 23/11/2024